

A intelligentsia e a Revolução de Outubro*

David Mandel* *

RESUMO: Este artigo examina a atitude da intelligentsia “democrática”, de orientação de esquerda, para com as revoluções de 1917. Documenta e analisa sua crescente alienação posterior em relação às classes populares, operários e camponeses, ao longo de 1917. Essa alienação é explicada no marco do aprofundamento da polarização da sociedade russa, um processo cujas raízes podem ser encontradas na revolução de 1905, e até mesmo antes dela, mas que alcançou seu ápice em 1917, na Revolução de Outubro. Essa revolução se revelou um evento exclusivamente plebeu, diante do qual a intelligentsia de orientação de esquerda foi bastante hostil, situação esta que preocupou profundamente os ativistas operários.

Palavras-chave: intelligentsia democrática, revolução, alienação.

*Esta é uma versão revisada e ampliada de um artigo que apareceu pela primeira vez na revista Critique, nº 14, 1981, pp. 68-87. Boa parte dele é baseada na pesquisa publicada em meu The Petrograd Workers and the Fall of the Old Regime (Os operários de Petrogrado e a queda do antigo regime) e também The Petrograd Workers and the Soviet Seizure of Power (Os operários de Petrogrado e a tomada do poder pelos soviets), Macmillan Press, Londres, 1983 e 1986.

** David Mandel é professor do Departamento de Ciências políticas da Université du Québec à Montréal. É autor de vários livros e artigos sobre a classe operária russa e soviética, e participou efetivamente em ações de formação na Rússia, Ucrânia e Bielorrússia.

Tereschenko, um magnata do açúcar e Ministro dos Assuntos Estrangeiros na última coalizão do Governo Provisório, não estava apenas tentando puxar assunto quando perguntou ao marinheiro que o escoltava para a prisão, após a tomada do Palácio de Inverno, na noite de 24 para 25 de outubro: “Como vocês vão se virar sem a *intelligentsia*?”¹ Essa questão, de fato, apontava para um aspecto crucial das revoluções de 1917 – a alienação entre a classe operária e a *intelligentsia*, particularmente aquela parte da *intelligentsia* que era reconhecida e se reconhecia como “democrática” ou “socialista”.² Os historiadores deram, relativamente, pouca atenção para esse importante aspecto da revolução, talvez devido ao papel proeminente da *intelligentsia* no mais alto escalão do partido bolchevique, no seu Comitê Central. Mas em todos os níveis inferiores a presença dos membros da *intelligentsia* era de fato escassa: o partido bolchevique em 1917 era incrivelmente proletário, tanto por sua composição social, quanto por sua orientação política.

Mas a alienação da *intelligentsia* de esquerda em relação ao movimento dos trabalhadores poderia, de fato, ter suas raízes rastreadas até a revolução de 1905, ou mesmo antes. Essa alienação foi brevemente revertida pela Revolução de Fevereiro, que, por um curto período, criou uma atmosfera de unidade nacional. Mas o mútuo estranhamento reapareceu rapidamente e, como uma vingança, culminou na Revolução de Outubro, que foi incrivelmente apoiada pelos operários e camponeses, mas que gerou uma hostilidade profunda por parte da *intelligentsia*, inclusive de sua ala esquerda.

¹ Citado por S. P. Melgunov, *The Bolshevik Seizure of Power*, ABC-CAO, 1972, p. 90.

² Em contraste com a “*intelligentsia* burguesa” – pessoas como P. V. Miliukov, historiador e líder do partido kadete, um partido liberal que se tornou hegemônico entre as classes proprietárias (“sociedade censitária”) em 1917 –, a “*intelligentsia* democrática” simpatizava com as classes populares (operários e camponeses) e apoiava vários partidos socialistas. Na terminologia de então da esquerda russa, eram parte da “democracia revolucionária”, junto com os operários e camponeses.

Na linguagem popular da época, *intelligent* era alguém que ganhava a vida (ou que poderia vir a fazê-lo – estudantes) com uma ocupação que requeria um diploma pelo menos de nível secundário. Por exemplo, quando, em abril de 1917, os altos funcionários da Agência dos Correios de Petrogrado decidiram formar um sindicato próprio, em reação às aspirações igualitárias do Sindicato dos Empregados dos Correios e Telégrafos então existente, eles se intitularam “Birô Organizativo Provisório dos Empregados *Intelligentnikh*³ da Agência Central dos Correios e Filiais” e destacaram sua “educação, à qual dedicaram pelo menos um quarto da vida”, em contraste com os membros do sindicato existente, “que não conseguem nem mesmo escrever o próprio nome corretamente”.⁴ V. M. Levin, um socialista-revolucionário de esquerda (SR), membro do Conselho Central de Comitês de Fábrica de Petrogrado, escreveu, em dezembro de 1917, que “as pessoas que tiveram a sorte de receber uma educação científica estão abandonando o povo... E entre este último cresce instintivamente um ódio pelas pessoas instruídas, pela *intelligentsia*.”⁵

Mas além dessa definição popular, sociológica, o termo também carregava uma certa conotação moral e política: a *intelligentsia* eram pessoas preocupadas com as “questões malditas”, com o destino da Rússia. O sociólogo Pitirim Sorókin, secretário pessoal de Kerénski em 1917, se referiu à *intelligentsia* como “os portadores do intelecto e da consciência”.⁶ E embora a maioria fosse de liberais, ou até mesmo de alas mais à direita, e identificados com os interesses e a visão de mundo das classes proprietárias (“sociedade censitária”), mesmo assim, o termo *intelligentsia* tinha uma certa conotação de serviço ao povo trabalhador.

Historicamente, essa conotação tinha alguma base na realidade. Ao longo da segunda metade do século 19, uma parte significativa da *intelligentsia* politicamente ativa se opôs à autocracia e, embora fossem apenas uma minoria da população instruída, mesmo assim, esse grupo deu a tônica de toda a camada social.

³ Adjetivo derivado do substantivo *intelligentsia* ou *intelligent*. (Nota do Tradutor)

⁴ K. Bazilevich, *Professionalnoe dvijenie rabotnikov svyazi*, Moscou, 1927, p. 33.

⁵ *Znamia truda*, Dez. 1917, p. 17.

⁶ *Volia naroda*, 6 nov. 1917. Sorókin foi secretário pessoal de Kerénski. Mais tarde, se tornou um dos reitores da Academia Americana de Sociologia.

A tarefa política principal que ela se colocou foi estabelecer uma ponte sobre o abismo que a separava do povo inativo, que ela queria despertar para a oposição à autocracia. E a *intelligentsia* como um todo saudou a Revolução de Fevereiro.

Mas um exame mais pormenorizado do período anterior a 1917 mostra um quadro mais complexo. Depois da revolução de 1905, ocorreu um giro à direita entre a *intelligentsia*,⁷ um giro que foi mais marcante entre a *intelligentsia* que até então era socialista. Um sinal muito discutido desse giro foi a publicação, em 1909, da coletânea *Vekhi*, que reunia artigos críticos ao materialismo e à radicalidade da *intelligentsia* russa, por um grupo de intelectuais, alguns dos quais haviam sido marxistas. Em seu estudo sobre os socialistas-revolucionários, o partido dos camponeses russos, o historiador O. Radkey escreveu que ocorreu

uma metamorfose da (...) *intelligentsia* populista, de insurretos em 1905, para democratas cansados no período entre as revoluções, e depois, para patriotas fervorosos, partidários da Entente e devotos do culto ao Estado na guerra que se aproximava (...). Eles se agarraram à velha etiqueta SR mesmo quando a antiga fé fora embora, a não ser por um resquício de interesse na libertação política.⁸

A mesma “revoada da *intelligentsia*” foi observada nos partidos social-democratas.⁹ L. H. Haimson observou que a correspondência privada entre os líderes mencheviques em 1909-1911

está repleta de declarações de desânimo (...) sobre o abandono em massa das preocupações políticas e sociais que parece ter acompanhado a retirada da *intelligentsia* radical da luta clandestina. A maioria dos membros do partido – estas cartas sugerem – se retiraram de fato das atividades partidárias e foram totalmente absorvidos pela luta prosaica e árdua por recuperar uma vida cotidiana normal.¹⁰

Na ala bolchevique da social-democracia, que veio a dirigir o movimento operário no novo ascenso de lutas do imediato pré-

⁷ M. Shatz e J. Zimmerman, *Vekhi*, Routeledge, Nova York, 1994.

⁸ O. Radkey, *The Sickle under the Hammer*, Columbia University Press, Nova York, 1963, pp. 469-470. Ver também *Znamia trudá* (15 nov. 1917), sobre o apoio da *intelligentsia* populista à participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial.

⁹ L. M. Kleinbort, *Ótcherki rabótchei intelligentsii*, Petrogrado, 1923, pp. 176-177.

¹⁰ L. H. Haimson, “The Problem of Social Stability in Urban Russia, 1905-1917”, in M. Tcherniavski, *The Structure of Russian History*, Nova York, Random House, 1970, p. 346.

-guerra, depois da derrota da revolução de 1905, ocorreu o mesmo fenômeno. As memórias operárias registram uma sensação de traição por parte da *intelligentsia* bolchevique. A. S. Chliápnikov, um metalúrgico e líder proeminente do partido, escreveu sobre o “refluxo” que começou em 1906-1907, que deixou tão poucos intelectuais entre os bolcheviques de São Petersburgo que quase não havia “forças literárias” para satisfazer as necessidades da fração bolchevique na Duma de Estado e na imprensa do partido: “No lugar dos *raznotchintsi-intelligenti*,¹¹ dos jovens estudantes, apareceu uma *intelligentsia* operária, com mãos calejadas, um intelecto altamente desenvolvido e com vínculos permanentes com os operários.”¹²

Kiril Orlov (Ivan Iegorov), outro operário metalúrgico e membro do Comitê Bolchevique de São Petersburgo durante a guerra, lembra:

Durante a guerra, não houve absolutamente nenhuma *intelligentsia* partidária entre todos os membros do Comitê de Petrogrado. Essa *intelligentsia* levava uma vida totalmente separada em algum lugar da cidade, aninhada em torno de Maksim Górkii. Mas nem o proletariado, nem os distritos proletários conheciam ou tinham qualquer informação sobre esse fato. Nós sentíamos que nós, os proletários, estávamos sozinhos. Não havia ninguém nem mesmo para escrever um pequeno panfleto ou chamado. Todos eles ficavam de braços cruzados, ofendidos, e fugiam do trabalho clandestino como as moscas fogem da fumaça. Os operários foram deixados à sua própria sorte.¹³

A sensação de traição era mais forte ainda nas províncias, onde a *intelligentsia* era bem menos numerosa. A. Martsionovski, um bolchevique carpinteiro, recordava:

Em uma série de cidades onde eu participei das atividades ilegais, em quase todos os lugares os comitês eram compostos exclusivamente de operários. A *intelligentsia* estava ausente, com exceção daqueles que passavam de viagem por dois ou três dias. Nos anos mais difíceis da reação, os operários praticamente ficaram sem lideranças oriundas da *intelligentsia*. Eles [intelligenti] diziam que estavam cansados, que os jovens estavam vindo para ocupar o lugar deles. Enquanto isso,

¹¹ *Raznochintsi*: oriundos das classes não-aristocráticas.

¹² A. S. Shliapnikov, *Kanun semnátsatovo goda*, Moscou-Petrogrado, 1923, p. 99.

¹³ K. Orlov, *Jizn rabótchego revoliutsionnera. Ot 1905 k 1917 g.*, Leningrado, 1925, p. 29.

a juventude se deixava levar pela artsibashevshchina.¹⁴ Alguns buscaram novos deuses, outros foram para o exterior e o resto levava uma vida de filisteus. Mas esse foi o período que se seguiu à destruição de nossa organização. Um pouco depois, os intelectuais decidiram que não era bom serem revolucionários, e passaram a se dedicar ativamente a construir uma nova corrente liquidacionista.¹⁵ No início da guerra imperialista, eles se posicionaram pela defesa do país e negaram suas palavras de ordem fundamentais, arrastando consigo muitos operários que não tiveram tempo suficiente para pensar no assunto. Nós, os operários clandestinos, tivemos que conduzir nossa atividade sem a *intelligentsia*, exceto por alguns indivíduos. Entretanto, depois da Revolução de Fevereiro, eles apareceram, bateram no peito e disseram “Nós somos revolucionários” etc. Mas, de fato, nenhum deles conduziu qualquer trabalho revolucionário, e nós não os vimos na clandestinidade.¹⁶

Como indicou Martsionovski, após a Revolução de Fevereiro, durante a “lua de mel” de unidade nacional, ocorreu uma certa reproximação entre os operários e a antiga *intelligentsia* de esquerda. Uma vez que a revolução era um fato consumado na capital, as classes proprietárias, até então profundamente temerosas de uma revolução popular, se uniram a ela. Essa virada facilitou em muito a vitória da revolução no resto do país e no fronte.¹⁷ Mas a atmosfera cor de rosa de fevereiro se demonstrou de vida curta.

¹⁴ M. P. Artsibachev, um escritor popular na época, cujos escritos eram considerados pornográficos.

¹⁵ Liquidacionistas: sociais-democratas que, após a derrota da revolução de 1905, defenderam o abandono da organização e da atividade política ilegal.

¹⁶ A. Martsionovski, *Zapiski revoliutsionnera-bolchevika*, Saratov, 1923, p. 89. Essa era a percepção de Martsionovski sobre a situação. Na realidade, pelo menos nas capitais, os estudantes cumpriram um papel significativo em 1912-1914, especialmente nos estágios iniciais (ver, por exemplo, o artigo de E. E. Kruze em *Istoria rabótchikh Leningrada*, vol. I, Leningrado, 1972, p. 419. Mas esse papel não era sequer remotamente comparável ao papel cumprido por eles na revolução de 1905 ou no movimento de libertação que a antecedeu. Mas, no que diz respeito à *intelligentsia* como um todo, o quadro descrito por Martsionovski é essencialmente correto.

¹⁷ V. B. Stankevitch, um popular-socialista (esquerda moderada), escreveu sobre as classes proprietárias nesse período: “Oficialmente, eles celebraram, abençoaram a revolução, gritaram ‘Ura!’ para os lutadores pela liberdade, usaram fitas comemorativas e marcharam ao lado das bandeiras vermelhas. Todos diziam ‘nós’, ‘nossa’ revolução, ‘nossa’ vitória, ‘nossa’ liberdade. Mas em seus corações, em conversas privadas, eles estavam horrorizados, eles tremiam e se sentiam prisioneiros de elementos oriundos de um meio social hostil, e que estavam seguindo um caminho desconhecido.” V. B. Stankevitch, *Vospominania 1914-1919*, Leningrado, 1926, p. 33.

Rapidamente, já em abril, a polarização que opôs as classes populares às classes proprietárias tornava a se fazer sentir.

Entre os operários, mais lentamente entre os soldados, e finalmente no campo, crescia a convicção de que as classes proprietárias eram contrárias aos objetivos democráticos e pacifistas da revolução, que elas estavam, de fato, determinadas a destruir a revolução por meio de uma ditadura militar. Essa convicção levou a um crescente aumento do apoio popular à exigência de transferir o poder político para o soviet de deputados operários, soldados e camponeses, ou seja, para um governo que acabaria com qualquer influência das classes proprietárias na política, uma posição defendida pelo partido bolchevique. Próximo do outono de 1917, todos os soviet nos centros urbanos de alguma importância, e cada vez mais os soldados no front, estavam exigindo que se pusesse fim à coalizão governamental com os representantes políticos das classes proprietárias e a passagem do poder para os soviet. No II Congresso Pan-Russo dos Soviets de Deputados Operários e Soldados, entre os dias 25 e 27 de outubro de 1917, que estabeleceu o governo soviético, 390 dos 650 delegados eram bolcheviques e outros 90 eram SR's de esquerda, que rapidamente se juntaram aos bolcheviques em um governo de coalizão. Um Congresso Pan-Russo de Deputados Camponeses, ocorrido entre os dias 10 e 25 de novembro, também aprovou o apoio ao governo soviético.

Foi nesse pano de fundo de polarização social crescente que a fissura entre os operários e a *intelligentsia* reapareceu na Conferência sobre Educação de Adultos, alguns dias antes da insurreição de outubro. A. V. Lunatchárski, proeminente intelectual bolchevique (mais tarde Comissário do Povo para a Educação no primeiro governo soviético), apresentou um informe sobre o estado da cooperação entre os operários e a *intelligentsia* na área da cultura. Ele destacou que a grande sede por conhecimento entre os operários permanecia insaciada porque, "atualmente, se observa que o proletariado está isolado da *intelligentsia*, graças ao fato de o proletariado ter se deslocado para a extrema esquerda da democracia, enquanto a *intelligentsia* se encontra na ala direita." Essas palavras provocaram protestos entre os representantes da *intelligentsia* presentes. Mas Lunachárski insistiu que "não é por culpa do prole-

tariado, e sim da *intelligentsia*, que teve uma atitude extremamente negativa para com as tarefas políticas que o proletariado colocara diante de si.”¹⁸

Revelador nesse sentido é o balanço de final do ano do jornalismo russo em 1917, “dessa fisionomia coletiva que até recentemente refletia a alma da nossa auto-denominada *intelligentsia*, nossa aristocracia espiritual”. Isso foi escrito por V. P. Polonski, um historiador menchevique de esquerda e crítico literário, ele mesmo altamente crítico das “loucuras dos bolcheviques” (*sumasbrodstvo*) e do regime soviético:

Seria muito difícil encontrar outro grupo de pessoas, além da *intelligentsia*, no qual a revolução tenha causado um estrago tão grande em seus pensamentos e humores.

Tenho diante de mim uma pilha de jornais, revistas, livros. Entre esses materiais, muito frequentemente, se encontra o mais antigo e mais sensível tema presente na consciência de nossa *intelligentsia* – o tema “a *intelligentsia* e o povo”.

E à medida que se lê, vai emergindo um quadro inesperado. Até recentemente, o tipo predominante de *intelligent* era o *intelligent-naródnik* [populista], o bem intencionado, que suspira gentil e simpaticamente diante de nossos “irmãos mais novos”. Porém – ai de mim! –, este tipo é hoje um anacronismo. Em seu lugar apareceu o *intelligent* malévolo, hostil para com o mujique, para com o operário, para com as massas ignorantes e trabalhadoras.

Os atuais *intelligenti* não tentam mais, como antes, preencher o abismo que os separa do mujique. Ao contrário, eles querem se delimitar do mujique com um linha clara e intransponível. (...)

Tal é a confusão emergente, ameaçadora. Ela se manifesta com grande clareza na literatura. Em um grande número de artigos dedicados ao tema do povo e da *intelligentsia*, o povo é tratado como uma massa obscura, brutalizada, faminta, descontrolada, uma turba. E os seus líderes atuais, como demagogos, nulidades sem valor, emigrantes, carreiristas, que adotaram o lema da burguesia da velha França: *Après nous, le déluge*¹⁹ (...).

Se lembrarmos o que os defensores e simpatizantes de ontem do povo escreveram depois sobre o “governo da turba”, um fato extremamente alarmante de nossa vida contemporânea irá

¹⁸ *Nóvaia jizn*, 18 out. 1917.

¹⁹ Depois de nós, o dilúvio! (Nota do tradutor)

aparecer de maneira indiscutível: a intelligentsia completou sua separação do povo. Os intelligenti só têm força suficiente para se despedir daquele “que sofre tudo em nome de Cristo, aquele cujos olhos severos não choram, cuja boca ferida não reclama.”

E ele, o eterno sofredor, precisa apenas se colocar de pé, endireitar poderosamente os ombros e respirar fundo para que a intelligentsia se sinta desiludida.

E não são os excessos das jornadas de outubro nem as loucuras do bolchevismo a razão de tudo isso. A separação da intelligentsia do povo, a transformação dos “populistas” em “mal-intencionados” – tudo isso começou há muito tempo, praticamente no dia seguinte à Revolução [de Fevereiro].

Escritores e poetas, ensaístas e artistas (não todos, é claro, mas muitos e muitos) viraram as costas para o povo. “Você se colocou de pé muito rápido. Você é um bárbaro fétido. Seu caminho não é o nosso.”²⁰

Um processo paralelo de estranhamento ocorreu dentro dos próprios partidos socialistas. Radkey escreve que quando finalmente ocorreu a ruptura dos socialistas-revolucionários, em setembro de 1917, nas alas esquerda e direita (sendo que a ala direita continuava apoiando o governo de coalizão com os liberais, representantes das classes proprietárias),

(...) quase todos os marinheiros e a grande maioria dos operários e soldados aderiram à ala esquerda dos SR's, a maioria dos intelligenti e trabalhadores de colarinho branco ficaram onde estavam, e os camponeses se dividiram em dois campos: um majoritário, fiel aos SR's de direita, e um minoritário, porém considerável, e que crescia solidamente. (...) De todos os bairros chegavam reclamações sobre a escassez de intelectuais, que dificultava seriamente as atividades do novo partido. Sukhanov denominou a nova agremiação de “partido da plebe rural”, e classificou-a, em termos de escala cultural, abaixo dos bolcheviques, o partido da plebe urbana.²¹

Na II Conferência de Petrogrado do partido bolchevique, em julho de 1917, o dirigente local, V. Volodarski, se queixava da “deserção em massa da *intelligentsia*”:

A intelligentsia, em consonância com sua natureza social, aderiu ao defensismo [apoiadores do governo de coalizão] e não

²⁰ *Nóvaia jizn*, 4 jan. 1918.

²¹ Radkey, *Op. cit.*, p. 159.

quer levar a revolução adiante. Ela não vem até nós e em toda a parte adotou a posição de resistir ao avanço revolucionário dos operários.²²

Algumas semanas mais tarde, no VI Congresso do partido bolchevique, Volodarski declarou o seguinte em seu informe sobre a organização bolchevique de Petrogrado:

O trabalho está sendo conduzido pelas forças locais oriundas da massa trabalhadora. Existem muito poucas forças da intelligentsia. Todo o trabalho organizativo é dirigido pelos próprios operários. Os membros do Comitê Central tiveram pouca participação no nosso trabalho organizativo. Lenin e Zinoviev muito raramente, já que estavam preocupados com outras tarefas. Nossa organização cresceu de baixo para cima.²³

Nas províncias, a ausência da *intelligentsia* era ainda mais sentida. O Comitê Central do partido bolchevique estava sendo bombardeado com pedidos urgentes das províncias para que fossem enviadas “forças literárias”, “pelo menos um *intelligent*.” Mas o secretário do Comitê Central, Iákov Sverdlov, quase sempre respondia que não havia ninguém para ser cedido, e que a situação na capital não era muito melhor.²⁴

Como resultado, os operários começaram cada vez mais a identificar os bolcheviques com os operários e os mencheviques e SR’s de direita com os intelectuais. Por exemplo, em junho de 1917, um jornalista menchevique visitou uma fábrica empacotadora de chás em Moscou. Os operários de Moscou eram menos avançados que os de Petrogrado em termos políticos, e todos os membros do comitê de fábrica eram ainda mencheviques, à exceção de um. Quando o jornalista perguntou a este último por que ele não era menchevique como os outros, ele respondeu que, apesar de não pertencer a nenhum partido, ele votava nos bolcheviques porque “na lista deles há operários. Os mencheviques são todos *gospoda* [cavalheiros] – doutores, advogados etc.” Ele acrescentou que os bolcheviques defendiam o poder soviético e o controle operário.²⁵

²² *Vtoraia i tretia obshchegorodskie konferentsii bolchevikov v iule i sentiabre 1917g.*, Moscou-Leningrado, 1927, p. 28.

²³ *Chestoi vserossiski sezd RSDRP(b). Protokoli*, Moscou, 1958, p. 45.

²⁴ *Ver Perepiska sekretariata TseKa RSDRP(b) s metsnimi organizatsiami, mart-oktiabr 1917*, Moscou, 1957, passim.

²⁵ *Rabótchaia gazeta*, 20 jun. 1917.

Discursando no dia 14 de outubro no soviet de Orekhovo-Zuevo, uma cidade têxtil perto de Moscou, Barichnikov, um operário bolchevique local explicava:

Devido ao fato de que a ideologia e a política da classe operária exigem a mudança radical do atual sistema, a relação da assim chamada intelligentsia, dos SR's e dos mencheviques para com os operários se tornou muito tensa. Por isso, não existem mais laços entre nós, e, aos olhos da classe operária, eles se tornaram, definitivamente, servos da sociedade burguesa.²⁶

Na medida em que a posição dos operários se deslocava à esquerda e que eles abandonavam sua antiga posição de apoio à política de coalizão com representantes da "sociedade censitária", as conferências operárias se tornavam cada vez mais assuntos plebeus. É típico o seguinte relato sobre uma conferência dos trabalhadores ferroviários em novembro de 1917: "Ausência quase completa da *intelligentsia*. Até mesmo a mesa da conferência é formada, quase toda, de 'operários de base'."²⁷ Essa conferência foi chamada pelos ferroviários dos depósitos e oficinas de Moscou e Petrogrado, em oposição ao Sindicato Pan-Russo dos Ferroviários, que havia se oposto à insurreição de outubro e ao governo soviético. Este último incluía todos os empregados das ferrovias, inclusive o pessoal administrativo e trabalhadores de colarinho branco. O Sindicato Pan-Russo era dirigido, na época, pelos mencheviques-internacionalistas, contrários à insurreição de outubro. Em contraste, dois terços dos delegados da conferência dos operários de depósitos e oficinas eram bolcheviques, sendo o resto SR's de esquerda. Havia alguns poucos mencheviques-internacionalistas.

Foi depois das jornadas de julho que os operários foram forçados a encarar as consequências de seu isolamento crescente em relação à *intelligentsia*. Nos dias 3 e 4 de julho, os operários industriais de Petrogrado, junto com algumas unidades militares da guarnição local, marcharam em direção ao Palácio Tauride em uma manifestação pacífica para pressionar o Comitê Executivo Central dos Soviets (CEC), cuja maioria, naquele momento, era formada por mencheviques e SR's, para pôr fim à coalizão com

²⁶ Nakanune oktiabrskogo voorujennogo vosstania v Petrograde, Moscou, 1957, p. 152.

²⁷ Znamia trudá, 17 nov. 1917.

representantes das classes proprietárias, tomar o poder em suas próprias mãos e formar um governo soviético, no qual somente os operários, soldados e camponeses estivessem representados. Mas o impensável aconteceu: os mencheviques e SR's não apenas se recusaram a levar em consideração a vontade dos operários, como permaneceram imóveis enquanto o governo, do qual seus líderes participavam, desencadeava uma onda de repressões contra operários, bolcheviques e outros socialistas de esquerda que se opunham ao governo de coalizão. O Ministro do Interior diretamente responsável por essa política era ninguém menos que o líder menchevique Irakli Tsereteli.

Até aquele momento, os operários radicalizados pensavam em termos de passagem pacífica do poder para os soviets. Isso era possível na medida em que os soviets gozavam do apoio dos soldados. Mas a recusa dos líderes do CEC dos soviets em tomar o poder e a sua disposição de adotar medidas repressivas contra os operários alteraram profundamente a situação. Entre outras coisas, isso obrigou os operários a encararem a perspectiva de tomar o poder por meio de uma insurreição armada. Isso também significava que o novo governo não contaria com o apoio nem mesmo da *intelligentsia* de esquerda, cujos conhecimentos e habilidades eram tão necessários para administrar a economia e a máquina estatal do país.

Essa perspectiva preocupou bastante os operários. Isso apareceu claramente na Conferência dos Comitês de Fábrica de Petrogrado, nos dias 11 e 12 de agosto de 1917. O consenso geral na conferência era que a indústria se encaminhava rapidamente para um colapso, para o qual contribuía a sabotagem dos industriais, que contavam com o desemprego em massa para enfraquecer o movimento operário, e o governo provisório, que, sob pressão dos industriais, se recusava a adotar medidas de regulação para impedir a queda da economia. Os delegados estavam começando a se conscientizar do fato de que teriam que assumir a responsabilidade pela economia, algo que eles não tinham imaginado no momento da Revolução de Fevereiro, que eles tinham encarado em termos puramente liberais-democráticos, não socialistas.

Um dos delegados na conferência resumiu a situação: "Temos de colocar toda a nossa energia nessa luta [preparar o nosso próprio

aparato econômico para o momento do colapso da economia capitalista]. Especialmente porque as contradições de classe estão cada vez mais evidentes e a *intelligentsia* está nos abandonando, temos que contar apenas com as nossas próprias forças e tomar todas as organizações em nossas mãos operárias.”²⁸ Os delegados estavam dolorosamente conscientes das tremendas dificuldades da tarefa. “Por todos os informes – observava um deles –, como um fio vermelho, corre o clamor devido à falta de pessoas [instruídas].”²⁹ “O tsarismo fez de tudo para nos deixar despreparados – lamentava outro delegado – e, naturalmente, por toda a parte, tanto nos órgãos políticos quanto econômicos, faltam pessoas [instruídas].”³⁰

O que eles deveriam fazer em tais circunstâncias? Sedov, um delegado menchevique, argumentava que não deveria sequer estar colocada a questão da tomada do poder pelos operários:

Nós estamos sozinhos. Temos poucos operários capazes de entender as questões de governo e de exercer controle. É preciso organizar cursos sobre as questões de governo e sobre o controle da produção. Se nós tomarmos o poder, as massas irão nos crucificar. A burguesia é organizada e tem à sua disposição uma massa de pessoas com experiência. Mas nós não temos. Por isso, não temos condições de manter o poder.³¹

Mas a maioria esmagadora dos delegados à conferência discordava. A posição destes foi expressa por um delegado da Companhia de Telefone e Telégrafo:

A burguesia conhece seus interesses melhor do que os partidos da pequena-burguesia [mencheviques e SR's]. A burguesia entendeu perfeitamente a situação e se manifestou muito claramente nas palavras de Riabuchinski,³² que disse que eles irão

²⁸ *Oktiabrskaja revoliutsia i fabzavkomi*, Moscou, 1927, vol I, p.189.

²⁹ *Idem*, p. 188.

³⁰ *Idem*.

³¹ *Idem*. p. 208.

³² Pável Pávlovitch Riabuchinski foi um grande banqueiro e industrial, considerado a ala esquerda de sua classe. Mas em um discurso em agosto de 1917, diante de empresários, ele atacou ferozmente os soviets, declarando que “a grande mão magra da fome” teria que esmagar os falsos amigos do povo, “os membros dos vários comitês e soviets”, para que eles voltassem a si. (*Ekonomitcheskoe polojenie Rossii nakanune Velikoi Oktiabrskoi Sotsialisticheskoi Revoliutsii*, vol. 1, Moscou, 1957, pp. 200-201.) Nos círculos operários e de esquerda em geral, esse discurso foi recebido como uma confissão aberta de que os industriais estavam realmente conduzindo um lockout secreto, fechando as fábricas e

esperar até que a fome nos agarre pelo pescoço e destrua tudo o que conquistamos. Mas, enquanto eles estiverem nos agarrando pelo pescoço, nós vamos lutar, e não nos retiraremos da batalha.³³

Várias vezes, os delegados conclamavam uns aos outros a abandonar o velho hábito dos operários de confiar na *intelligentsia*.

A classe operária sempre esteve isolada; sempre teve que conduzir sua política sozinha. Mas, em uma revolução, a classe operária é a vanguarda. Ela deve liderar as outras classes, inclusive os camponeses. Tudo depende da atividade dos operários nas várias organizações, comissões etc., onde devemos constituir uma maioria de operários. Contra a fome que se aproxima, devemos estimular a atividade das massas. Devemos abandonar o espírito preguiçoso eslavo e abrir juntos na floresta um caminho que vai levar a classe operária ao socialismo.³⁴

Quando alguém sugeriu que a quantidade de grupos de trabalho fosse limitada devido à complexidade dos assuntos a serem discutidos e à escassez de “forças ativas”, S. P. Voskov, um carpinteiro da Fábrica de Rifles de Sestroretsk, respondeu:

A ausência de membros da *intelligentsia* de maneira nenhuma impede o trabalho dos grupos. Já está na hora de os operários renunciarem ao mau hábito de prestar constantemente atenção no que a *intelligentsia* está fazendo. Todos os operários dessa conferência devem se juntar a um grupo e trabalhar nele de maneira independente.³⁵

De fato, o maior temor desses operários se materializou em outubro. Os mencheviques e os SR's abandonaram o congresso dos soviets que elegeu um governo soviético, cujo próprio princípio – ser responsável apenas perante os soviets – eles rejeitavam. Os altos e médios funcionários técnicos e administrativos do Estado e das instituições financeiras, junto com os médicos e professores, entraram em greve.³⁶ Nas fábricas, o alto escalão do pessoal técnico e administrativo também se recusou a reconhecer o novo

criando desemprego em massa para depois esmagar militarmente o movimento operário enfraquecido. Como resultado, Riabuchinski se tornou a personificação do “kapitalist-lokautchik” [capitalista adepto do lockout] nos círculos operários e de esquerda.

³³ *Oktiabrskaja revoliutsia i fabzavkomi*, vol. 1, p. 208.

³⁴ *Idem*, p. 206.

³⁵ *Idem*, p. 167.

³⁶ *Nóvaia jizn*, 13 nov., 8, 22 e 30 dez. 1917.

governo e a cooperar com o controle operário.³⁷ A profundidade da hostilidade da *intelligentsia* de esquerda para com a insurreição de outubro e o governo soviético – que não era recíproca nem mesmo entre os operários mais conservadores – se expressa com força na seguinte resolução, adotada pelo Birô Executivo do Grupo Socialista de Engenheiros, no final de outubro de 1917:

Um bando de utópicos e demagogos, explorando o cansaço dos operários e soldados, explorando apelos utópicos à revolução social, através da mentira e da calúnia deliberada sobre o Governo Provisório, atraiu para o seu lado as massas ignorantes e, em oposição à vontade da ampla maioria do povo russo, na véspera da Assembleia Constituinte, tomou o poder na capital e em algumas cidades da Rússia. Com a ajuda das prisões, da violência contra a imprensa e a livre manifestação, com a ajuda do terror, um bando de usurpadores está tentando se manter no poder. O Birô do Grupo Socialista de Engenheiros, protestando decisivamente contra esse golpe, contra a prisão de Kerénski, contra os assassinatos, a violência, contra o fechamento dos jornais, contra a perseguição e o terror, declara que os atos desses usurpadores não têm nada em comum com os ideais socialistas e que eles estão destruindo a liberdade conquistada pelo povo (...). Os verdadeiros socialistas não podem dar o menor apoio nem aos usurpadores do poder, nem àqueles que não se decidem firmemente a romper com eles.³⁸

Porém, os trabalhadores manuais e de colarinho branco menos especializados do governo e das instituições financeiras se recusaram a participar das greves e denunciaram os empregados mais qualificados por fazê-lo. Depois da Revolução de Outubro, o governo soviético dissolveu a Duma de Petrogrado (Câmara Municipal), quando esta se recusou a reconhecer o novo regime. Foram feitas novas eleições, que foram boicotadas por todos os partidos, exceto os bolcheviques e SR's de esquerda. Quando a nova Duma se reuniu, seu presidente, M. I. Kalinin, declarou que “os trabalhadores *intelligenti* da Duma foram claramente desrespeitosos quando tentei conversar com eles, e declararam sua intenção de resistir. Mas os trabalhadores municipais e empregados de colarinho branco

³⁷ *Zaniatia pervoi moskovskoi oblastnoi konferentsii*, Moscou, 1918, pp. 47-48, citado em N. Lampert, *The Technical Intelligentsia in the Soviet Union 1926-1935*, Tese de PhD, C.R.E.E.S., Universidade de Birmingham, Reino Unido: 1976, p. 19.

³⁸ A. L. Popov, *Oktiabrski perevorot*, Petrogrado, 1919, p. 364.

dos escalões mais baixos estavam felizes com a passagem do poder aos operários.”³⁹

Alexander Blok foi uma das raras figuras literárias de peso da antiga geração que abraçou a Revolução de Outubro. Escrevendo nos meses de inverno que se seguiram à Revolução de Outubro, ele descreveu o estado de ânimo da *intelligentsia* de esquerda com as seguintes palavras:

“A Rússia está perecendo”, “A Rússia não existe mais”, “Memória eterna à Rússia” – é isso que eu escuto em todo lugar (...)

O que vocês estavam pensando? Que a revolução é um idílio? Que a criatividade não destroi tudo em seu caminho? Que o povo é uma menininha boazinha? (...)

E as melhores pessoas falam: “Estamos decepcionados com o nosso povo” (...) e não veem nada ao redor de si, a não ser loucura e bestialidade (mas o homem está bem ali, ao lado deles); as melhores pessoas chegam a dizer: “Não houve revolução alguma”; aqueles que estavam obcecados com o ódio ao “tsarismo” estão prontos a se lançar de volta aos seus braços, apenas para conseguirem esquecer o que está acontecendo agora; os “derrotistas”⁴⁰ de ontem se queixam agora da “opressão alemã”⁴¹; os “internacionalistas” de ontem choram pela “Santa Rússia”; ateus de nascimento estão dispostos a acender velas e rezar pela vitória da Rússia contra seus inimigos externos e internos. (...)

Quer dizer então que vocês estavam serrando o galho onde estavam sentados? Uma situação lamentável: com voluptuosa malícia, vocês estocam lenha, galhos e folhas secas em uma enorme pilha protegida da chuva e da neve, e quando a chama de repente sobe aos céus (como um estandarte), vocês começam a correr em volta gritando “Oh! Estamos pegando fogo!”⁴²

³⁹ *Nóvaia jizn*, 5 dez. 1917. Ver também *Oktiabrskoe voorujennoe vosstanie v Petrograde*, Moscou, 1957, p. 368, 514-575, e C. Volin, *Deiatelnost menchevikov v profsoiuzakh pri sovetskoj vlasti*, Inter-University Project on the History of Menshevism, paper N° 13, Outubro de 1962, p. 28.

⁴⁰ Aqueles que conclamavam pela derrota da Rússia na guerra, como um estímulo à revolução.

⁴¹ Referência ao Tratado de Brest-Litovski, assinado em março de 1918, e que cedeu à Alemanha vastas áreas do antigo Império Russo, em troca do encerramento da guerra.

⁴² *Znamia truda*, 18 jan. 1918. V. V. O romance de Veresáiev, *V tupike*, sobre a guerra civil na Crimeia (publicado pela primeira vez em 1924, pouco conhecido, mas muito bem escrito), nos oferece um quadro surpreendentemente parecido do panorama político da *intelligentsia* de esquerda.

Os operários não deram o passo final da tomada do poder em outubro com o coração leve. Na verdade, a maioria, ao mesmo tempo que desejava desesperadamente o poder soviético, hesitava e protelava a “ação” (*vistuplenie*). A insurreição foi uma ação da minoria decidida dos operários, daqueles que pertenciam ou estavam próximos do partido bolchevique (somente na capital, o partido contava com 30.000 operários em suas fileiras). Quando eles tomaram a decisão, a maioria esmagadora restante se coesionou em seu apoio. Mesmo então, os operários estavam preocupados com seu isolamento político. Nos dias que se seguiram à insurreição, houve um amplo apoio operário, inclusive dentro do partido bolchevique, à ideia de conformar um “governo socialista homogêneo”, ou seja, uma coalizão de todos os partidos socialistas, de esquerda e de direita.

Mas as negociações para a formação de tal governo, levadas a cabo sob a direção do Sindicato Pan-Russo dos Ferroviários, dirigido então pelos mencheviques-internacionalistas (esquerda menchevique), falharam porque os mencheviques moderados, os SR's e todos que estavam à direita deles se recusavam a participar em um governo responsável unicamente (ou principalmente) perante os soviets. Tal governo teria uma maioria bolchevique, uma vez que estes foram maioria no recente Congresso dos Soviets. Por trás da negativa, estava a convicção dos socialistas moderados de que a revolução estaria condenada sem o apoio da burguesia. Junto com isso, havia o medo de que um governo dirigido pelos bolcheviques, cuja base era a classe operária, fizesse “experimentos socialistas”.

Depois de as negociações fracassarem precisamente devido ao problema da responsabilidade perante os soviets, os SR's de esquerda decidiram fazer parte do governo soviético em coalizão com os bolcheviques. O jornal deles opinava que “ainda que tivéssemos conseguido formar tal ‘governo homogêneo’, teria sido, na verdade, uma coalizão com a ala mais radical da burguesia.”⁴³ Mas os mencheviques-internacionalistas, a ala esquerda do menchevismo que logo assumiu a direção do partido, se recusou a seguir o exemplo dos SR's de esquerda. Em um artigo intitulado “2 x 2

⁴³ *Znamia truda*, 8 nov. 1917.

= 5”, V. L. Bazarov, economista menchevique-internacionalista, expressou sua irritação com o que ele acreditava ser uma confusão dos operários: eles defendiam a formação de um governo de coalizão de todos os socialistas, mas queriam que essa coalizão fosse responsável perante os soviets.

(...) Estão sendo aprovadas resoluções que pedem um governo democrático homogêneo baseado num acordo entre todos os partidos socialistas e [ao mesmo tempo] o reconhecimento do atual CEC [Comitê Executivo Central dos Soviets de Deputados Operários e Soldados, eleito no último Congresso dos Soviets, e composto, em sua esmagadora maioria, de bolcheviques] como órgão ao qual este governo deveria ser responsável (...). Mas, atualmente, um governo puramente soviético só pode ser bolchevique. E a cada dia fica mais claro que os bolcheviques não podem governar: decretos são produzidos como bolos, e não conseguem ser colocados em prática. (...) Portanto, mesmo que seja verdade o que os bolcheviques digam, que os partidos socialistas não têm massas atrás de si, e que são somente intelectuais (...), mesmo assim, grandes concessões seriam necessárias. O proletariado não pode governar sem a intelligentsia (...) O CEC deve ser apenas uma das instituições perante as quais o governo é responsável.⁴⁴

Os mencheviques-internacionalistas compartilhavam a visão bolchevique da burguesia como fundamentalmente contrarrevolucionária. Mas eles também compartilhavam a convicção da ala direita de seu partido de que uma Rússia economicamente atrasada, com uma esmagadora maioria de camponeses, não possuía as condições sociais e políticas para o socialismo. E então, enquanto a ala mais à direita dos mencheviques, junto com os SR's, continuava a defender uma coalizão com os representantes da burguesia, os mencheviques-internacionalistas salientavam a necessidade de manter, pelo menos, o apoio dos “estratos médios” da sociedade, a pequena-burguesia e, acima de tudo, a *intelligentsia*. O problema era, entretanto, que esta última, em sua esmagadora maioria, havia ficado ao lado da burguesia. Como resultado, os mencheviques de esquerda estavam condenados a permanecer expectadores passivos da revolução que avançava.

Quanto aos próprios operários, depois que ficou claro que a verdadeira questão era o poder soviético ou uma coalizão renovada

⁴⁴ *Novaia jizn*, 4 nov. 1917.

(de uma ou outra forma) com a burguesia, eles deram seu apoio ao governo soviético, mesmo antes dos SR's de esquerda decidirem ingressar nele. Em 29 de outubro, durante as negociações para a formação de um governo de coalizão com todos os socialistas, uma assembleia geral dos operários do Estaleiro Admiralteiski fez um apelo a todos os trabalhadores, independentemente de suas filiações partidárias, para que exercessem pressão sobre os centros políticos para que estes chegassem imediatamente a um acordo entre todos os partidos socialistas, dos bolcheviques aos popular-socialistas, e para que formassem um gabinete socialista responsável perante o Soviet de Deputados Operários, Camponeses e Soldados em base à seguinte plataforma: proposta imediata de paz democrática; transferência imediata das terras para as mãos dos comitês de camponeses; controle operário sobre a produção; convocação da Assembleia Constituinte na data marcada.⁴⁵

Este era um exemplo do que Bazarov via como sendo uma confusão política dos operários: eles queriam um governo de coalizão entre todos os partidos socialistas, mas queriam também que o governo fosse responsável perante os soviets. Porém, uma semana mais tarde, depois do colapso das negociações, com os bolcheviques tendo ficado sozinhos no governo, esses mesmos operários decidiram se pronunciar

por um poder soviético pleno e indivisível e contra as coalizões com partidos defensistas e conciliadores. Nós sacrificamos muito pela revolução e estamos preparados, se for necessário, a fazer novos sacrifícios. Mas nós não vamos entregar o poder àqueles de quem o tomamos em uma batalha sangrenta.⁴⁶

Quando os SR's de esquerda decidiram ingressar no governo, ao concluir que, "mesmo que tivéssemos conseguido formar um 'governo homogêneo' ele teria sido, na verdade, uma coalizão com a ala mais radical da burguesia"⁴⁷, os operários respiraram aliviados coletivamente: a unidade havia sido atingida, pelo menos "por baixo", entre os *niz*⁴⁸, já que os SR's eram um partido majoritariamente camponês. Uma assembleia de operários na fábrica Putilov declarou na ocasião:

⁴⁵ *Tsentrálni gosudarstvenni arkhiv Sankt-Peterburga*, opis 9, fond 2, delo 11, list 45.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ *Znamia truda*, 8 nov. 1917.

⁴⁸ "Bases", em russo. (Nota do tradutor)

Nós, operários, saudamos, como um só homem, essa unificação que tanto desejávamos e mandamos nossos calorosos cumprimentos para nossos camaradas que estão trabalhando de acordo com as teses aprovadas no II Congresso Pan-Russo do Povo Trabalhador, dos Camponeses Pobres, Operários e Soldados.⁴⁹

A Revolução de Outubro, tendo consolidado oficialmente a profunda polarização social que já existia, encontrou a maior parte da *intelligentsia* do lado das classes proprietárias,⁵⁰ junto com o que restou da *intelligentsia* de esquerda, suspensa em algum lugar entre as duas. Os operários responderam à visível traição com amargura. Como escreveu o SR de esquerda Levin,

No momento, quando a velha máquina estatal burguesa está sendo esmagada pelo povo, a *intelligentsia* está abandonando o povo. Aqueles que tiveram a sorte de receber uma educação científica estão abandonando o povo, que os carregou nas suas costas exaustas e dilaceradas. E como se não bastasse abandonar o povo, a *intelligentsia* zomba da sua impotência, da sua falta de instrução, da sua incapacidade de levar a cabo, sem esforço, grandes transformações e obter grandes realizações. E este último fato é especialmente doloroso para o povo. Dentro do povo, instintivamente, cresce um ódio pelas pessoas “educadas”, pela *intelligentsia*.⁵¹

O jornal menchevique-internacionalista *Nóvaia jizn* publicou o seguinte relatório vindo de Moscou em dezembro de 1917:

Se os sinais externos da insurreição são poucos, a divisão interna da população é, entretanto, profunda. Quando eles enterraram os soldados da Guarda Vermelha [após a vitória da insurreição, que custou vários dias de luta sangrenta], segundo me disseram, não se conseguia encontrar um único membro da *intelligentsia* ou universitário, ou estudante secundário na enorme

⁴⁹ *Znamia truda*, 8 nov. 1917.

⁵⁰ A definição de Pitirim Sorokin, em novembro de 1917, das “forças criativas” da sociedade – que ele opunha à “pseudo-democracia” – é reveladora: “Deve vir à cena agora, por um lado, a *intelligentsia*, portadora do intelecto e da consciência; por outro, a autêntica democracia, o movimento das cooperativas, a Rússia das dumas e zemstvos, e o campo consciente (!). Chegou a hora deles.” (*Volia naroda*, 6 nov. 1917). Todas as organizações que ele lista eram dominadas pelos socialistas moderados e pelos kadetes e não gozavam de qualquer apoio político de massas. Na lista de Sorokin, era evidente a ausência dos operários e soldados e, obviamente, do campo “inconsciente”, dos camponeses que apoiavam os SR’s de esquerda e os bolcheviques e que se recusavam a esperar até que o Governo Provisório adotasse a reforma agrária.

⁵¹ *Znamia truda*, 17 dez. 1917.

procissão. E durante o funeral dos junkers [alunos da Escola de Oficiais que haviam lutado ao lado do Governo Provisório], não havia um único operário, soldado ou plebeu na multidão. A composição da manifestação em defesa da Assembleia Constituinte era similar – os cinco soldados que seguiam atrás da bandeira da organização militar dos SR's apenas sublinhavam a ausência da guarnição.

Agora, o abismo que separa os dois campos se ampliou enormemente, graças à greve geral dos servidores municipais: professores das escolas municipais, pessoal técnico dos hospitais e trabalhadores qualificados dos bondes. Essa greve coloca o governo municipal bolchevique em enormes dificuldades. Porém, mais ainda, ela exacerba o ódio pela intelligentsia e pela burguesia nos nizi da população. Eu mesmo vi um condutor [de bonde] expulsando um estudante secundário para fora do veículo: 'Eles ensinam tudo certo para você, mas parece que não querem ensinar as nossas crianças!'

A greve das escolas e hospitais é vista pelos nizi urbanos como uma luta da burguesia e da intelligentsia contra as massas populares.⁵²

Ao tentar entender a posição da *intelligentsia*, deve-se perguntar primeiro se a percepção de “traição” dos operários tinha alguma justificativa. Afinal de contas, de um outro ponto de vista, foram os operários que se separaram da *intelligentsia*, quando decidiram romper com as classes proprietárias, abandonando a aliança nacional, policlassista, que havia sido formada na Revolução de Fevereiro.

As razões da radicalização subsequente dos operários podem ser brevemente resumidas da seguinte forma: na base de sua experiência, os operários chegaram à conclusão de que as classes proprietárias eram contrárias aos objetivos populares da Revolução de Fevereiro – uma paz imediata e democrática, a reforma agrária, a jornada de oito horas de trabalho, a convocação de uma Assembleia Constituinte para estabelecer uma república democrática. Mas as classes proprietárias não apenas impediram a realização desses objetivos (que eram puramente democráticos, e de nenhuma forma socialistas), como tinham a intenção de esmagar militarmente as classes populares. Isso foi amplamente demonstrado pelo apoio semi-aberto do partido kadete ao levante do ge-

⁵² *Novaia jizn*, 12 dez. 1917.

neral Kornilov, no final de agosto, e também pela oposição implacável dos industriais às medidas governamentais de prevenção contra o colapso econômico que se aproximava rapidamente.

Para os operários, a insurreição de outubro e o estabelecimento do poder soviético significavam a exclusão das classes proprietárias de qualquer influência sobre a política do governo. Outubro foi, em primeiro lugar e principalmente, uma defesa da Revolução de Fevereiro, de suas reais conquistas e de suas promessas, em face à hostilidade ativa das classes proprietárias. O fato de que alguns operários viam em Outubro um potencial para medidas socialistas não significa que o socialismo era o objetivo principal de Outubro.

Quando visto desse ponto de vista, a sensação dos operários de que a *intelligentsia* os havia traído se torna completamente compreensível. Como escreveu o jornal menchevique-internacionalista (que era hostil à Revolução de Outubro): “Agora cada operário poderia perguntar aos médicos e professores: ‘Vocês nunca protestaram contra o regime sob o tsar ou sob Gutchkov.’⁵³ Por que vocês fazem greve agora, quando o poder está nas mãos de pessoas que nós reconhecemos como nossos líderes?’⁵⁴ Até mesmo mencheviques de esquerda, como I. O. Martov, cuja dedicação à causa operária não poderia ser colocada em dúvida, preferiram lavar as mãos diante de tudo, ao invés de fazer “aquilo que parece ser o nosso dever – ficar junto à classe operária mesmo quando ela está errada... É trágico. Porque, afinal de contas, o proletariado inteiro está ao lado de Lenin e espera que a insurreição leve à emancipação social, ao mesmo tempo que entende que desafiou todas as forças anti-proletárias”.⁵⁵

Por que então, segundo a percepção dos operários, a *intelligentsia* “fugiu”? Escrevendo sobre os populistas, o historiador O. Radkey oferece a seguinte explicação:

⁵³ N. I. Gutchkov, grande industrial russo e presidente da IV Duma de Estado.

⁵⁴ *Novaia jizn*. 6 dez. 1917. Na verdade, essa afirmação não é precisa. Em 1905, a *intelligentsia*, organizada no Sindicato dos Sindicatos, participou do movimento grevista no outono. Mas aquela foi a primeira e última vez. Eles não deram apoio ativo ao grande movimento grevista de 1912-1914 e 1915-1916.

⁵⁵ L. H. Haimson, *The Mensheviks*, Chicago, 1975, pp. 102-103. Como partido, os mencheviques reorientaram sua política depois da Revolução Alemã de novembro de 1918, adotando uma postura de oposição leal ao governo soviético.

No curso da revolução, (muitos) tinham ido para o serviço público ou para o trabalho social como servidores civis nos zemstvos e nas municipalidades, ou ainda como funcionários nas sociedades cooperativas, onde a rotina diária e o panorama geral eram mortais para a atividade revolucionária. Outros haviam adquirido profissão. Todos estavam ficando velhos.⁵⁶

Mas parece muito improvável que uma transformação social tão profunda como a integração econômica da *intelligentsia* à ordem social existente tenha ocorrido no intervalo de uma década. Além disso, deve-se perguntar como então os intelectuais socialistas ganhavam a vida antes da derrota de 1905, já que nem todos eram profissionais partidários ou estudantes famintos. E se a geração de 1905 estava ficando velha, o que dizer dos estudantes de 1917, que também, em sua maioria, eram hostis à Revolução de Outubro? O menchevique A. N. Potresov, que estava na ala mais à direita de seu partido, observou o seguinte em maio de 1918: “Em fevereiro [de 1917] nós vimos a alegria conjunta de estudantes e pequenos burgueses. Em outubro, estudantes e burgueses haviam se tornado sinônimos.”⁵⁷

Uma explicação mais razoável sobre a “revoada da *intelligentsia*” deve ser encontrada na polarização de classes que emergiu com toda força na sociedade russa ao longo da revolução de 1905. Naquele momento, a burguesia, assustada pela força com que o movimento operário promovia suas demandas – principalmente a jornada de oito horas –, e seduzida pelas concessões políticas extremamente limitadas oferecidas por uma autocracia cambaleante, voltou-se contra o movimento operário e os camponeses. Em particular, organizaram, no outono de 1905, junto com o Estado, um grande lockout em Petrogrado, contra os operários que estavam em greve pela jornada de oito horas.⁵⁸ Quando o movimento operário se recuperou da derrota da revolução, em 1912-1914, suas greves frequentemente levantavam, ao mesmo tempo, demandas políticas voltadas para a autocracia e demandas econômicas endereçadas aos industriais. Por sua parte, os industriais colaboravam estreitamente com a polícia tsarista

⁵⁶ Radkey. *Op. cit.*, pp. 469-470.

⁵⁷ *Znamia borbi*, 21 mai. 1918.

⁵⁸ I. A. Shuster, *Peterburgski rabochie v 1905-1907 gg.*, Leningrado, 1976, pp. 166-168.

para frustrar as ações políticas e econômicas da classe operária e para reprimir seus ativistas.⁵⁹

Foi durante esse período pré-guerra que os bolcheviques se tornaram a força hegemônica entre os operários. O que distinguia a ala bolchevique da social-democracia da ala menchevique era sua avaliação sobre a burguesia – inclusive sua ala esquerda, liberal – como fundamentalmente contrária à revolução democrática. Os mencheviques, por sua parte, consideravam que a liderança burguesa na revolução era absolutamente indispensável. Os camponeses, que Lenin pensava serem aliados dos operários, eram, na visão menchevique, incapazes de prover uma liderança política nacional. Se esse papel não podia ser cumprido pela burguesia, teria que ser cumprido necessariamente pelos operários. Mas os operários, uma vez à frente de um governo revolucionário, adotariam inevitavelmente medidas que atentariam contra o direito burguês de propriedade. Eles fariam “experiências socialistas” que se revelariam desastrosas nas condições da Rússia, levando assim, inevitavelmente, à derrota da revolução. E, assim, os mencheviques, nos anos pré-guerra, em vão convocaram os operários a controlar suas “paixões grevistas”: eles não queriam assustar os liberais, que estavam cada vez mais alienados do podre regime czarista, cada vez mais afastados da revolução.

Como vimos, a *intelligentsia* de esquerda abraçou a posição dos mencheviques e SR's, não dos bolcheviques e operários. Eles argumentavam que uma revolução liderada por operários em um país camponês seria inevitavelmente esmagada. O seguinte episódio, contado nas memórias de um metalúrgico de Petrogrado, ilustra a divisão entre os operários e os intelectuais de esquerda.

I. Gordkienko, um metalúrgico bolchevique, junto com outros dois camaradas que, assim como ele, eram originalmente de Nijni Novgorod, a cidade natal de Maksim Górkí, decidiram fazer uma visita ao seu *zemliak* (conterrâneo): “Será possível que Górkí tenha se afastado completamente de nós?”, se perguntavam. Em 1918, Górkí era o editor do jornal menchevique-internacionalista *Nóvaia jizn*, que era extremamente crítico ao regime soviético, atacando especialmente sua inépcia, resultado, na visão do jornal, do fato

⁵⁹ “The Workers’ Movement after Lena,” in L. H. Haimson, *Russia’s Revolutionary Experience*, Nova York, Columbia University Press, 2005, pp. 109-229.

de a *intelligentsia* ter sido repelida. O que particularmente enfurecia os operários era que os editores do jornal criticavam o governo mas se recusavam a participar dele para ajudar a melhorar as coisas. Por exemplo, na Conferência dos Comitês de Fábrica de Petrogrado, em fevereiro de 1918, um dos delegados falou com amargura sobre a “sabotagem levada a cabo pelo *Nóvaia Jizn* de Górkí, que se ocupa de criticar o governo mas não faz nada para tornar mais fáceis as tarefas desse governo.”⁶⁰

Na casa de Górkí, a conversa rapidamente foi para a política:

Aleksei Maksímovitch⁶¹, perdido em pensamentos, disse:

– É difícil para vocês, rapazes, muito difícil.

– E você, Aleksei Maksímovitch, você não está tornando as coisas mais fáceis – respondi.

– Não apenas não está facilitando. Está tornando as coisas mais difíceis para nós – disse Ivan Tchugurin.

– Oh! Rapazes, rapazes! Vocês são pessoas tão boas. Lamento por vocês. Escutem, nesse mar, não, nesse oceano de forças elementares camponesas e pequeno-burguesas, vocês são apenas um grão de areia. Quantos sólidos bolcheviques como vocês existem? Um punhado. Na vida, vocês são como uma gota de óleo no oceano, uma fita fina. Com o menor vento, se rasga.

– Você não deveria falar assim, Aleksei Maksímovitch. Venha conosco até o distrito de Viborg. Dê uma olhada ao redor. Onde antes havia 600 bolcheviques, hoje há milhares.

– Milhares, porém crus, despreparados. E nas outras cidades, nem isso há.

– A mesma coisa está acontecendo, Aleksei Maksímovitch, nas outras cidades e vilarejos. Em toda a parte, a luta de classes está se intensificando.

– É por isso que eu gosto de vocês, por sua poderosa fé. Mas também é por isso que eu temo por vocês. Vocês perecerão, e então tudo retrocederá centenas de anos. É terrível ver isso.

Algumas semanas depois, retornamos e encontramos N. N. Sukhanov e D. A. Desnitski no apartamento de Górkí. Estes dois eram intelectuais mencheviques de esquerda e editores do *Nóvaia jizn*.

Novamente, Aleksei Maksímovitch falou do mar de pequenos burgueses. Ele lamentou que houvesse tão poucos bolcheviques

⁶⁰ *Novaia jizn*, 27 jan. 1918.

⁶¹ Nome verdadeiro de Maksim Górkí. (Nota do tradutor)

da época da clandestinidade, como nós, que o partido era tão jovem e inexperiente. Sukhanov e Lopata afirmaram que somente um louco poderia falar de revolução proletária num país tão atrasado como a Rússia. Protestamos com firmeza. Dissemos que, atrás da fachada da democracia pan-russa⁶², eles estavam defendendo a ditadura da burguesia

Durante a conversa, Aleksei Maksímovitch caminhava ao longo da janela que dava para a rua. De repente, ele veio rapidamente em direção a mim, me agarrou pela manga da camisa e me puxou até a janela.

– Olhe – disse ele, com uma voz irritada e trêmula.

O que eu vi era realmente vergonhoso. Perto de um canteiro de flores, em um gramado fresco, recém aparado, estavam sentados alguns soldados. Eles estavam comendo arenque e jogando os restos no canteiro de flores.

– É a mesma coisa na Casa do Povo:⁶³ o piso foi encerado, foram colocadas escarradeiras em cada canto e perto das colunas. Mas olhe o que eles fazem lá – disse, furiosa, Maria Fedorovna [esposa de Górkí], que gerenciava a Casa do Povo.

– E é com essa multidão que os bolcheviques querem fazer uma revolução socialista – disse maliciosamente Lopata. Você tem que ensinar, educar as pessoas e depois fazer uma revolução.

– E quem irá ensiná-los e educá-los? A burguesia? – um de nós perguntou.

– E como você faria isso? – perguntou Aleksei Maksímovitch, agora sorrindo.

– Nós faríamos diferente – respondi. Primeiro, derrubar a burguesia, e depois educar o povo. Nós construiremos escolas, clubes, Casas do Povo...

– Mas isso não é possível – declarou Lopata.

– Para você, não é. Para nós, é – respondi.

– Bem, talvez eles consigam, esses diabos... – disse Aleksei Maksímovitch.

– Nós definitivamente somos capazes disso – um de nós respondeu. E será pior para vocês.

– Oh! Você está nos ameaçando. Como será pior para nós? – disse Aleksei Maksímovitch rindo.

⁶² A posição dos mencheviques-internacionalistas era que a base política do governo deveria ser expandida a fim de abarcar toda a “democracia”. O termo era sempre vago, mas significava os estratos médios da sociedade, em particular a *intelligentsia*.

⁶³ Instituição onde ocorriam reuniões culturais e populares.

– Da seguinte forma: com ou sem vocês, nós faremos aquilo que precisa ser feito, sob a liderança de Ilitch [Lenin], e então vão perguntar a vocês onde vocês estavam e o que estavam fazendo quando nós estávamos tendo tanta dificuldade.”⁶⁴

Lenin fez um relato incrivelmente parecido de uma outra conversa, no verão de 1917, com um advogado rico. Esse advogado havia sido um revolucionário, membro do Partido Operário Social-Democrata Russo e até da fração bolchevique. Agora ele estava cheio de medo e ódio contra os operários enfurecidos e irredutíveis:

– Certo! Eu entendo a inevitabilidade da revolução social. Mas aqui, dado o declínio no nível dos operários como resultado da guerra...⁶⁵ Isso não seria uma revolução. Seria um abismo.

Ele estava disposto a reconhecer a revolução social, desde que a história levasse até ela pacificamente, calmamente, suavemente e delicadamente, como um trem alemão entrando na estação. Um condutor muito bem vestido abre a porta e anuncia: “Estação ‘Revolução Social’! Alle aussteigen! [Desçam todos!]” Neste caso, por que não sair da posição do engenheiro que trabalha para os Tit Titiches⁶⁶ e adotar a posição de um engenheiro que trabalha para as organizações operárias?

Aquele homem havia visto greves. Ele conhecia a torrente de paixões que mesmo a mais ordinária das greves desperta, mesmo na época mais pacífica. Ele, obviamente, entendia quantas milhões de vezes mais forte deverá ser a tempestade quando a luta de classes levantar todo o povo trabalhador deste enorme país, quando a guerra e a exploração tiver levado milhões de pessoas ao desespero, pessoas que foram torturadas pelos proprietários rurais, que foram saqueadas e oprimidas por décadas pelos capitalistas e burocratas do tsar. Ele entendia tudo isso “teoricamente”; reconhecia tudo isso apenas da boca para fora; ele estava simplesmente aterrorizado pela “situação extraordinariamente complexa.”⁶⁷

N. Sukhanov ofereceu uma explicação similar para a posição dos mencheviques de esquerda:

Nós fomos contra a coalizão com a burguesia e estávamos

⁶⁴ I. Gordienko, *Iz boevogo prochlavo*, Moscou, 1957, p. 98-101.

⁶⁵ Refere-se ao fluxo de camponeses em direção às fábricas para a expansão da produção militar durante a Primeira Guerra Mundial.

⁶⁶ Tit Titich é um mercador rico e autoritário na peça de N. Ostróvski “В чужом пире похмелье” (Pagam os justos pelo pecado alheio).

⁶⁷ V.I. Lenin, *Polnoe sobranie sochineni*, 5ª ed., Moscou, 1962, vol. 34, pp. 321-322.

junto com os bolcheviques. Não nos fundimos com eles porque alguns aspectos da criatividade positiva dos bolcheviques, tanto quanto os seus métodos de propaganda, revelaram o ódio que eles tinham por nós. Era uma força elementar [stikhia] desenfreada, anárquica, pequeno-burguesa, que foi eliminada pelo bolchevismo justamente quando este perdeu novamente o apoio de massas.⁶⁸

O medo da *stikhia*, dos camponeses em primeiro lugar, foi um aspecto importante do menchevismo. Ele ajuda a entender a rejeição da Revolução de Outubro pelo partido e a insistência em uma coalizão com os liberais, e, ao falhar esta alternativa, com “o resto da democracia”, principalmente com a *intelligentsia*.

Porém, a preocupação da *intelligentsia* de esquerda com a insuficiência do desenvolvimento político e cultural e com a consciência das massas populares tinha, sem dúvida, uma base real. Deve-se perguntar como a sua decisão de ficar de fora da luta podia ser justificada, já que a revolução estava avançando de qualquer maneira. Nas condições de polarização profunda entre as classes, a alternativa ao governo soviético, defendida pela *intelligentsia*, inclusive a *intelligentsia* de esquerda, nunca ficou clara, menos ainda para os operários. Mas, na verdade, não havia alternativa, a não ser a derrota da revolução. Como disse um operário bolchevique na Conferência dos Delegados Operários e Soldados do Exército, em maio de 1918, “Nós somos acusados de desencadear a guerra civil. Mas isso é um grande erro, ou até mesmo uma mentira. Os interesses de classe não são criados por nós. São algo que existe na vida, são um fato, diante do qual todos devem se curvar”.⁶⁹ É por isso que, apesar das terríveis privações e excessos da guerra civil, os operários e camponeses, alguns mais ativamente, outros de forma mais passiva, continuaram apoiando o regime soviético.

A preocupação de Górkí com a incultura e a falta de educação política das massas era, sem dúvida, sincera. Mas a revolução iria acontecer com ou sem a *intelligentsia*. Diante disso, fazia mais sentido tomar parte ativa nela, de forma a facilitar seu caminho e tentar moderar seus excessos. Alguns intelectuais, obviamente,

⁶⁸ Sukhanov, *Op. cit.*, vol. 6, p. 192.

⁶⁹ *Pervaia konferentsia rabótchikh i krasnogvardeiskikh deputatov 1-go gorodksovo raiona*, Petrogrado, 1918, p. 248.

fizeram essa escolha. Um certo Brik, uma figura da cena cultural de Petrogrado, escreveu o seguinte para o *Nóvaia jizn* no início de dezembro de 1917:

Para minha surpresa, encontrei meu nome na lista eleitoral dos bolcheviques nas eleições para a Duma Municipal. Eu não sou um bolchevique e sou contra a sua política cultural. Mas não posso deixar as coisas desmoronarem. Seria um desastre se os operários fossem deixados à própria sorte na elaboração da política. Por isso, eu irei trabalhar, mas não sob uma disciplina (externa). Aqueles que se recusam a trabalhar e esperam a contrarrevolução restabelecer a ordem são cegos.⁷⁰

Em dezembro, foi fundado um novo Sindicato dos Professores Internacionalistas, depois que alguns docentes decidiram romper com o Sindicato Pan-Russo dos Professores por causa do problema da greve da educação. A nova organização declarou que “é inadmissível que as escolas sejam utilizadas como arma política”, e chamaram os professores a cooperar com o regime para criar uma nova escola socialista.⁷¹

V. B. Stankevitch, um popular-socialista (populista de direita) e comissário militar do Governo Provisório, assumiu uma posição similar numa carta a seus “amigos políticos”, escrita em fevereiro ou março de 1918:

Agora, temos que admitir que as forças elementares do povo estão ao lado do novo governo. Existem dois caminhos diante de nós: continuar a luta irreconciliável pelo poder ou trabalhar de forma pacífica e construtiva como uma oposição leal.

Podem os velhos partidos dirigentes [do Governo Provisório] afirmar que são tão experientes a ponto de conseguirem administrar as tarefas da direção do país, que justamente se tornaram mais difíceis, e não mais fáceis? Porque, em essência, não há nenhum programa que possa ser oposto ao dos bolcheviques. E uma luta sem um programa não é melhor do que uma aventura de generais mexicanos. Mas mesmo que houvesse a possibilidade de criar um programa, devemos lembrar que nos faltam as forças para levá-lo adiante. Porque para derrubar o bolchevismo – não formalmente, mas de verdade –, seria necessário unir todas as forças, desde os socialistas-revolucionários até a

⁷⁰ *Nóvaia jizn*, 5 dez. 1917.

⁷¹ *Idem*, 6, 9, 13 dez. 1917. O romance de Veresáiev, mencionado na nota 44, apresenta exemplos dessa posição, e também da outra, adotada pela maioria da *intelligentsia* de esquerda.

extrema direita. E, mesmo nesse caso, os bolcheviques se revelariam mais fortes.

Resta um caminho: o caminho da frente popular unida, do trabalho nacional unitário, da criação comum. Então, o que vai acontecer amanhã? A continuidade da tentativa sem rumo e sem sentido, em essência aventureira, de tomar o poder? Ou trabalhar junto com o povo, fazendo esforços reais de superar as dificuldades que se colocam diante da Rússia, unidos numa luta pacífica por princípios políticos eternos, por bases verdadeiramente democráticas para o governo e o país?⁷²

A questão é que a posição adotada pela maioria da *intelligentsia* não parecia seguir as razões que eles alegavam. E isso nos leva a questionar se não havia outras razões. Parece que, quando finalmente decidiu assumir uma posição, a maioria da *intelligentsia* socialista se revelou apenas “a ala mais radical da burguesia”, como concluiu o jornal dos SR’s de esquerda. Enquanto a tarefa da revolução era derrubar a autocracia semifeudal e estabelecer uma democracia liberal, eles podiam apoiar e até mesmo estimular o movimento popular. Mas quando começou a ficar claro – e começou a ficar claro já ao longo da revolução de 1905 – que, nas condições russas, a revolução se transformaria em uma luta contra a própria burguesia e também contra a ordem social burguesa, a *intelligentsia* de esquerda começou a sentir o chão sob os seus pés tremer.

Eles sentiram que sua posição na sociedade estava ameaçada. E, apesar de tudo, eles gozavam de certos privilégios, pelo menos no sentido de prestígio e status. E às vezes também em termos de renda e autonomia profissional. Esses privilégios, além de uma genuína desconfiança e medo das massas “desenfreadas” e “incultas”, empurraram a *intelligentsia* para a defesa da ordem social – e talvez até política – existente.

Restrospectivamente, é claro, é tentador afirmar que a *intelligentsia* de esquerda estava certa. Afinal de contas, um dos temas mais importantes em Lenin em seus últimos anos de vida era a necessidade urgente de elevar o nível cultural do povo. Esse nível, especialmente o nível de educação política entre os camponeses, que constituíam a grande massa da população, foi um fator de-

⁷² I. V. Orlov, “Dva puti pered nimi,” Istoritcheski arkhiv, 1997, nº. 4, pp. 77-80.

terminante na ascensão da burocracia ao poder, sob a direção de Stalin. Mas deve-se perguntar se a *intelligentsia*, pela posição de hostilidade que adotou perante a Revolução de Outubro, não contribuiu, ela mesma, para esse desfecho.

Referência Bibliográfica

- BAZILEVICH, K. *Professional'noe dvizhenie rabotnikov sviazi*, Moscow, 1927. Dyakin, V. S.
- DZENISKEVICH, A. R. (red.) *Istoria rabochikh Leningrada: 1703-1965*, vol. I, Leningrad, 1972.
- GORDIENKO, I. *Iz boevogo proshlovo*, Moscow, 1957.
- HAIMSON, L.H. *The Mensheviks*, Chicago, 1975.
- _____. "The Problem of Social Stability in Urban Russia, 1905-1917," in Cherniavsky, M. *The Structure of Russian History*, N. Y.: Random House, 1970.
- _____. *Russia's Revolutionary Experience*, N.Y.: Columbia University Press, 2005.
- KLEINBORT, L.M. *Ocherki rabochei intelligentsii*, Petrograd, 1923.
- LAMPERT, N. *The Technical Intelligentsia in the Soviet Union 1926-1935*, PhD thesis, C.R.E.E.S., University of Birmingham, U.K.: 1976.
- LENIN, V. I. *Polnoe sobranie sochinenii*, 5th ed., Moscow, 1962.
- MARTSIONOVSKII, A. *Zapiski revoliutsionnera-bol'shevika*, Sarotov, 1923.
- MELGUNOV, S.P. *The Bolshevik Seizure of Power*, ABC-CAO, 1972.
- ORLOV, I.V. "Dva puti pered nimi," In: *Istoricheskii arkhiv*, 1997, no. 4.
- ORLOV, K. *Zhizn' rabocheho revoliutsionnera. Ot 1905 k 1917 g.*, Leningrad, 1925.
- POPOV, A.L. *Oktiabr'skii perevorot*, Petrograd, 1919.
- RADKEY, O. *The Sickle under the Hammer*, N.Y.: Columbia University Press, 1963.
- SHATZ, M.; Zimmerman, J. (ed.s) *Vekhy*, N.Y.: Routledge, 1994.
- Shliapnikov, A. S. *Kanun semnadtsatovo goda*, Moscow-Petrograd, 1923.
- SHUSTER, A. *Peterburgski rabochie v 1905-1907 gg.*, Leningra,

1976.

SIDOROV, A. L.; Anfimov, A. M. (red.) *Ekonomicheskoe polozhenie Rossii nakanune Velikoi Oktiabr'skoi sotsialisticheskoi revoliutsii*, vol. 1, M. 1957.

STANKEVICH, V. B. *Vospominaniya 1914-1919*, L., 1926.

VOLIN, C. "Deiatel' nost' men'shevikov v profsoiuzakh pri sovetskoi vlasti," Inter-University Project on the History of Menshevism, paper N° 13, October 1962.